

CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM CONTEXTO DE PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lázaro César da Silva ¹

Rafael Alves de Araújo ²

Renally Lima Santana ³

Wendrielly Sousa da Silva ⁴

Keilla Rebeqa Simões Oliveira de Freitas ⁵

RESUMO

O presente estudo é um relato de experiência por parte de discentes sobre o momento vivenciado devido ao novo coronavírus. Incertezas e desafios são algumas das consequências geradas por essa nova doença disseminada em larga escala, cuja melhor forma de combate está na prevenção, por meio do distanciamento social, do uso de máscara e das práticas de higiene. Por isso, o espaço educacional necessitou recorrer ao ensino remoto emergencial para dar continuidade ao ano letivo, por meio de ferramentas digitais. Assim, alunos, professores e demais profissionais das instituições de ensino, precisaram se adaptar ao novo modelo. No primeiro momento será exibida uma breve contextualização acerca do ensino remoto vivenciado nesse contexto. Posteriormente, serão abordados os aportes da psicologia histórico-cultural para compreensão da importância da interação do indivíduo com o seu meio cultural e as pessoas mais experientes para os processos de aprendizagem e desenvolvimento, dificultada no momento atual por razões sanitárias. Por fim, serão evidenciados relatos de estudantes universitários do curso de Pedagogia, de uma instituição pública de ensino, autores desse trabalho, acerca de temas como experiências, dificuldades e aprendizagens decorrentes do ensino remoto emergencial. Desse modo, conclui-se que mesmo que a educação utilize a tecnologia como um meio para a inovação e o diálogo no processo de educação formal do sujeito, ainda existe uma grande dificuldade por parte da população para o usufruto da internet e de aparelhos tecnológicos, além do letramento digital, o que produz um impacto nas aulas.

Palavras-chave: Ensino Remoto, Psicologia Histórico-Cultural, Relato de Experiência, Estudantes universitários.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, lazarocezar.pedago@gmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rafaalves9703@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, renally9806@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, wendriellysousa25@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Cognitiva, Departamento de Fundamentação da Educação - UFPB, keilla.rso@gmail.com.

No período entre o final de 2019 e o início de 2020, a população mundial se deparou com o surgimento do vírus Sars-CoV-2, alertando a todos para uma possível nova pandemia. Meses após o surgimento do vírus, o Brasil notificou o seu primeiro caso de contaminação. Em algumas semanas depois, o país se encontrava devastado pela doença e gradativamente, foi sendo retirada a palavra normalidade da vida humana. Aos poucos, o convívio entre as pessoas precisou ser reduzido, fazendo-se necessário o distanciamento social como forma de prevenção do aumento do número de casos da doença. O normal já não era normal e tal realidade afetou diversos setores da sociedade, não estando a margem, mas inserida nela, a educação foi um dessas áreas afetadas. Desse modo, as instituições educacionais vivenciam uma situação atípica e que envolveu pouco planejamento, pelo menos de forma inicial (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020).

Com esse novo cenário, mudanças radicais e rápidas foram tomadas. No campo educacional, a primeira medida foi a suspensão das aulas presenciais, retirando os alunos da sala de aula e os guiando a uma realidade totalmente adversa do comum. Em seguida, o espaço educacional adentrou nas residências e por consequência, fez-se necessário o uso de aparelhos tecnológicos para participação efetiva do discente nas aulas (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020). Tal demanda emergiu como solução para as urgências na continuidade do processo de ensino, sem que se tivesse como saber o impacto causado por essa mudança.

De acordo com Smolareck e Luis (2020) foi característico desse momento a necessidade de uma reestruturação do ensino e a adoção de novas metodologias pelos docentes. Visando contribuir com estudos que evidenciem a voz ativa do(a) discente, o presente artigo tem por objetivo trazer as concepções de estudantes universitários, autores do presente estudo, sobre o processo de aprendizagem na pandemia, elencando suas experiências e as dificuldades enfrentadas no campo educacional e social, bem como as aprendizagens construídas nesse momento vivenciado.

A desigualdade social evidentemente marca a história do povo brasileiro. Desse modo, é notório observar ainda mais os impactos ocasionados pelo período de pandemia. Cada vez mais são elevados os dados do alto desemprego, da baixa qualidade e equidade de ensino, assim como o restrito acesso ao sistema de saúde. As desigualdades tanto territoriais, sociais, como de aprendizagem, se robusteceram na trama de crise econômica e sanitária. No ambiente educacional, tendo como recorte a retirada do estudante da sala

de aula para o estudo em sua casa, foram agravadas as diferenças existentes entre as diferentes classes sociais ao serem exibidas realidades completamente distintas. Por ser um espaço heterogêneo, uma sala de aula será composta por diferentes realidades, nas quais uns terão acesso à internet e/ou pessoas que irão auxiliar nas aulas remotas, enquanto outros, nem conseguirão assistir ao primeiro encontro virtual com o docente por não terem meios facilitadores para sua entrada e permanência em sala (CAVALCANTE; KOMATSU; FILHO, 2020). Por conseguinte, serão alcançados diversos níveis de aprendizado, em que aqueles que não conseguem acompanhar a aula, podem acabar desistindo dos estudos causando um aumento no número de evasão na educação.

Ao adentrar no debate sobre as implicações trazidas pelo isolamento social, no que se refere ao cotidiano escolar, a aprendizagem é um dos pilares que foi atingido diretamente, tendo em vista que uma das competências e atribuições necessárias a fim de oportunizar o desenvolvimento do sujeito é a interação social. De acordo com Vigotski (1984), a construção das atividades cognitivas pelo indivíduo emerge a partir da sua história social e é por ela que ele se desenvolve sócio-historicamente. Dessa forma, o sujeito adquire conhecimento por meio das relações interpessoais e das trocas com o meio em que está inserido.

O contexto da pandemia coloca em evidência como os aspectos relacionais são relevantes na construção do ensino-aprendizagem e nos processos cognitivos dos sujeitos. Segundo Vigotski (1984) a abordagem sócio-histórica ressalta a importância da interação entre as pessoas e o seu meio social para o aprendizado e o desenvolvimento. Então, se o desenvolvimento está intimamente imbricado ao contexto cultural e social em que o sujeito está inserido, a ruptura dos estudantes do meio escolar, sendo ele um ambiente de interação social dialética, bem como a falta de condições metodológicas presentes no ensino remoto e a falta de infraestrutura digital para todos, dificulta esse processo. Diante desse cenário guiado por meios digitais, já que a distância se fez necessária para a contenção do vírus, o processo pedagógico precisou recorrer a outros formatos para que ocorressem as trocas e mediações entre professor e estudante, a fim de suscitar à aprendizagem.

Segundo Vygostky (1996), a relação educador(a)-educando(a) não deve ser de imposição, mas, sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção do conhecimento. Através da relação professor-aluno, os(as) estudantes são motivados a

construírem o conhecimento, pois o(a) professor(a), entende que ensinar é respeitar os saberes dos alunos e suas diferenças para proporcionar novas articulações como novos saberes.

Esse autor enfatiza que o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com os outros indivíduos e com o meio. A aprendizagem é uma experiência social, que é mediada pela interação entre linguagem e ação. Para ocorrer a aprendizagem, o professor deve intervir na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que seria a distância existente entre aquilo que o sujeito já sabe, o seu conhecimento real, e aquilo que o sujeito possui potencialidade para aprender, seu conhecimento potencial (VYGOSTKY, 1984).

De acordo com Moreira (2015), é função do professor criar estratégias de ensino que estimulem as potencialidades do sujeito e, dessa maneira, o(a) aluno(a) desenvolverá sua autonomia, opinião e sentimento. No momento pandêmico vivenciado, o processo de interação social presencial foi reduzido, assim, a aprendizagem precisou se modificar e se reinventar, com o ensino realizado também de forma digital, sendo necessário reiterar que nem todos os indivíduos possuem aparelhos digitais para que o processo de ensino-aprendizagem de forma virtual possa ser estabelecido.

Segundo uma pesquisa realizada no ano de 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os estudantes da rede pública tiveram menos acesso à internet quando comparados aos estudantes da rede privada (BRASIL, 2021). Foi registrado nesse contexto que alguns estudantes, principalmente de escola pública, ficaram sem acesso às aulas por algumas razões, quais sejam: a falta de acesso aos meios digitais, uma boa estabilidade da internet, condições e materiais adequados para dar continuidade aos estudos em casa, impedindo sua continuação na disciplina (BRANCO et al. 2020).

Ademais é perceptível no ambiente escolar a vasta quantidade de alunos que não possuem celular para terem acesso às aulas e, quando tem um computador, é compartilhado por todos de sua residência. Por isso, são inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos estudantes para continuarem estudando durante o período remoto. Nota-se também, os esforços e medidas desenvolvidas pelos/as professores/as para manter canais de comunicação efetivos com os(as) alunos(as), mas que, em grande parte dos casos, não é possível abranger a todos de forma equânime (OLIVEIRA, 2020).

Outro ponto a ser considerado no momento atual é a presença das metodologias ativas nas aulas e novas formas de ensinar, mais dinâmicas e relacionadas com o cotidiano e as especificidades dos alunos, a fim de oportunizar a todos acesso à educação de forma justa e integradora (PIFFERO et al. 2020).

Por essas questões muitas vezes não serem consideradas, é evidente diante desse cenário o desgaste mental adquirido pelos estudantes, decorrido do excesso de exposição às telas, levando em conta também, o acúmulo de tarefas, pois, com o isolamento social, os indivíduos passaram a conciliar os afazeres de casa com os seus estudos, tornando sua casa o próprio espaço educacional formal (CORDEIRO, 2020). Entretanto, no meio dos indivíduos que não conseguem ter acesso ou conseguem de maneira não favorável às salas, há quem considere o fato de que o aprendizado no formato de ensino remoto servirá como experiência para a utilização corriqueira das ferramentas digitais nos ambientes de ensino, servindo como um instrumento inovador à medida que transforma a aula em uma experiência dinâmica e cooperativa (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2021).

METODOLOGIA

O referente projeto tem como trajeto de sua constituição, uma sucinta revisão bibliográfica que dialoga com a literatura sobre a psicologia histórico-cultural proposta por Vigotski, além de abordar os processos encontrados no modelo atual de ensino durante a pandemia do novo coronavírus, bem como os respaldos do mesmo na vida acadêmica, sobretudo pelos olhares discentes. Desta forma, foi realizado um levantamento de capítulos de livros, e-books, artigos e demais produções acadêmicas que abarcaram essas propostas elencadas.

O presente estudo também reúne relatos de experiências de estudantes do 3º período do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, de uma instituição pública de ensino superior, acerca do contexto pandêmico vivenciado. Os discursos foram divididos em três blocos construídos de forma sequenciada ao longo do texto, quais sejam: experiências, dificuldades e aprendizagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Decorrente do contexto atual provocado pela disseminação do novo coronavírus, caracterizado pelo distanciamento social e o cumprimento de um comportamento higiênico, foi necessária uma reestruturação metodológica e funcional das instituições de ensino. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em seu recente levantamento da segunda etapa do censo escolar 2020, estima que aproximadamente 99,73% das escolas brasileiras suspenderam por algum período de tempo suas atividades presenciais em 2020 (BRASIL, 2021).

As Instituições de Ensino Superior (IES) precisaram adentrar, bem como as escolas, em uma modalidade de ensino rotulada por remota emergencial, aplicada no atual cenário e corriqueiramente confundida com o Ensino à Distância (EaD). De acordo com o censo do ensino superior de 2019 do INEP, nos cursos à distância da rede pública a quantidade de ingressantes marcava 5,8%, enquanto na rede privada 50,7% (BRASIL, 2020). Cabe uma ressalva de que as duas modalidades citadas acima são divergentes, pois possuem objetivos, estruturas e contextos opostos.

De acordo com o Ministério da Educação, o ensino à distância é caracterizado pela ausência física de professores e alunos, mas mediada por aparelhos tecnológicos de comunicação em prol de um desenvolvimento pedagógico (BRASIL, 2009). Enquanto isso, o modelo atual do ensino remoto emergencial é um sistema utilizado no intitulado “novo normal” como uma readequação do sistema presencial para o ambiente virtual. Cabe ressaltar também que o ensino à distância ainda conta com legislações, uma plataforma para realização de atividades e exames, além de tutoria e recursos para o discente entrar em contato com a instituição de ensino e/ou o docente (CASTRO; QUEIROZ, 2020).

Acerca da experiência de estudo no ensino remoto emergencial, Renally, uma das autoras do presente estudo, afirma, “é algo desafiador, principalmente quando se trata da adaptação. Todos os dias busco maneiras de me reinventar, seja na concentração ou nas apresentações com os aparelhos que são utilizados para participação nas aulas”. A dificuldade na adaptação a esse formato, como a autora elucida, está na razão de que a mesma inicialmente adentrou em um curso presencial e por motivos de uma crise sanitária mundial, necessitou modificar para a modalidade remoto emergencial de maneira rápida e sem um preparo prévio. Sobre isso, os autores concordam com a evidenciação feita por Castells (2002), quando o mesmo traz à luz a discussão de que o sujeito se encontra presente na era da Revolução Informacional e Comunicacional, na qual, na atualidade, o

ser humano está conectado a algum aparelho eletrônico mediando as relações sociais em espaços virtuais.

Porém, o ensino remoto emergencial, imposto devido ao distanciamento social provocado pelo novo coronavírus, sem um preparo anterior, respaldou de forma não satisfatória na vida e nas relações sociais. Wendrielly, uma das autoras do projeto, contesta em sua experiência, “quando minha casa se tornou a sala de aula e o celular o mediador da minha comunicação, foi uma situação complicada para mim. Senti que meu rendimento e participação ativa seriam e já estavam sendo afetados”. Ainda que a Revolução Informacional e Comunicacional esteja no dia a dia de alguns indivíduos do século XXI, como ressalta Castells (2002), no país, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, realizada pelo IBGE, cerca de 82,7% dos brasileiros tinham acesso à internet no ano de 2019 (BRASIL, 2021).

Entretanto, Valente (2020), repórter da Agência Brasil, compartilhou os dados das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros (TIC) do ano de 2019 e exibiu que os indivíduos estavam mais conectados à internet pelo *mobile*. As aulas remotas necessitam de formatos adequados não apenas para o ato de assistir aula, mas também para a realização das complexas atividades, impossibilitadas de serem solucionadas pelos celulares. Acerca dessas dificuldades, Renally traz um outro fator a se observar, “os celulares nem sempre são ideais para a participação nas aulas, uma vez que não há como solucionar atividades extensas pelo mesmo. Além disso, os ambientes que estamos roubam a nossa concentração”.

Desse modo, o ato de ficar atento às aulas, fundamental para um bom aprendizado, está mais difícil atualmente, já que a ação educativa formal não está ocorrendo em seu espaço adequado. Se entende por espaço da educação formal, os espaços rotulados por escolas, faculdades e universidades, ou seja, ambientes regulamentados por lei, utilizando e tendo como organização determinadas diretrizes nacionais (GOHN, 2006). Ainda sobre o movimento de Revolução Informacional e Comunicacional, Lázaro, autor do presente estudo, relata um ponto que os demais autores também concordam, “a Internet instável fomenta em um desânimo para assistir aula”.

Por mais que tenha ocorrido um aumento de 3,6% no número de brasileiros com acesso à internet em domicílios nacionais no período de 2018 a 2019, a sua distribuição não é de forma satisfatória e ampla a todos os cidadãos. Os indivíduos da zona rural, além de serem representados por um valor de apenas 55,6% da população conectada, não

desfrutam de uma boa conexão e/ou detém capital para a aquisição de um aparelho tecnológico e comunicacional (BRASIL, 2021). Essas problemáticas já eram encontradas antes da pandemia e foram reiteradas fortemente no momento atual.

Desde o dia 16 de março de 2020, a Universidade Federal da Paraíba em uma nota publicada em seu site, anunciava a todos sobre a suspensão das atividades presenciais na instituição. Assim, aulas teóricas, atividades de extensão, aulas práticas, estágios e pesquisas necessitaram ser suspensas. Rafael, autor do presente estudo, entende essas suspensões também como uma dificuldade, “o ensino remoto eliminou temporariamente um espaço fundamental para mim: a Universidade (física). Despertou a incerteza de um retorno presencial e o prolongar da minha graduação”.

Além disso, a autora Wendrielly elucida também problemas de ordem mental durante o ensino remoto emergencial, como pode ser observado a seguir, “a dificuldade notória também tem sido conciliar a rotina de filha, dona de casa, estudante e manter a constância nos estudos. Tais pontos me levam ao esgotamento psicológico”. Acerca disso, cada vez mais é corriqueiro o relato de alunos(as) com problemas psicológicos durante a pandemia, com sintomas que oscilam de um abalo emocional transformado em choro à ansiedade, problemas no sono e até mesmo, a depressão. O grande fator da desestabilidade emocional ainda é o receio de adquirir a doença ou de algum familiar vir a ser contaminado e falecer (BARROS et al. 2020).

Todavia, em meio ao caótico cenário vivenciado, também se faz jus o anúncio de algumas aprendizagens conquistadas. Parece contraditório elencar esses pontos em meio ao caos, mas em uma semelhante ótica otimista de Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Esperança*, “sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate [...] a esperança se desesperança (FREIRE, 2021, p. 15)”, os discentes conseguiram retirar da dor e do reconhecimento dos privilégios do acesso às aulas no ensino remoto emergencial, aprendizagens modificadoras das estruturas cognitivas e pessoais. Sobre isso, o autor Lázaro destaca que, “através da necessidade do uso das novas tecnologias comunicacionais, comecei a aprender ferramentas novas que ampliaram meu repertório e me auxiliaram no uso em sala de aula”.

As ferramentas citadas pelo autor englobam o Google Meet – plataforma utilizada para assistir às aulas – Zoom, Moodle e também o uso de sites com jogos educativos corriqueiramente usados pelos docentes em sala, como o *kahoot* e *mindmeister*. Renally entende também que o principal tópico é a renovação de práticas acadêmicas englobando

o espaço virtual também no contexto educacional presencial, em suas palavras, “saliento como algo positivo a importância da inovação na educação e em suas metodologias. Pois vem sendo através da tecnologia, que estou dando continuidade aos estudos”.

Além disso, o autor Rafael relata a importância da empatia de alguns(umas) professores(as) para com os(as) aluno(as) ao longo desse período, “pela primeira vez eu vi, boa parte dos(as) professores(as) sendo humanos e perguntando como nós estamos. Isso é mais grandioso do que um mero 10 na disciplina”. O modelo educacional, marcado pelo ensino tradicional, ainda é bastante hierarquizado com normas e regras a serem seguidas. O indivíduo vivia constantemente em meio a incontáveis turbulências físicas no ensino presencial e, na maioria das vezes, sem tempo para perguntar ao aprendiz se o mesmo encontrava-se bem. Hoje, por estar vivendo a mesma situação que o(a) aluno(a), despertou uma preocupação. Quem sabe essa prática não se torna mais recorrente para uma educação no futuro?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino remoto emergencial é a forma que se encontrou para dar continuidade às atividades escolares e acadêmicas, porém o(a) discente vem enfrentando diversas dificuldades dentro deste espaço, quais sejam: adversidades para uma aprendizagem satisfatória, esgotamento mental e psicológico e a desigualdade social entre os(as) estudantes, dificultando que todos(as) possam continuar seus estudos. Em determinados momentos, quando se consegue um aparelho tecnológico para o acesso à aula, alguns estudantes precisam dividi-lo com outros membros da residência.

Por outro lado, os(as) professores(as), a todo momento, buscam metodologias que possam diminuir as dificuldades dos(as) discentes, tentando transformar as aulas cada vez mais atrativas com a finalidade das suas permanências, em prol de uma aprendizagem positiva. Contudo, por mais que exista essa preocupação, existem muitos estudantes presentes para que se possa compreender e apoiar cada um, em um formato mais distante e que dificulta as interações. Além disso, faltam políticas públicas eficazes que possam atuar de forma a intervir e diminuir essas dificuldades.

Através dos relatos dos autores durante a realização do presente estudo, não são apenas problemas tecnológicos encontrados no ensino remoto emergencial, mas ainda existe o receio por parte dos(as) estudantes de adquirir a doença e/ou perder algum

familiar para ela. Outro notório fator elencado, está no fato da sala de aula adentrar os lares dos indivíduos matriculados nas instituições de ensino, acarretando, em muitos casos, a não concentração nas atividades e leituras, bem como os corriqueiros afazeres domésticos, que se apossam de boa parte do tempo dos(as) alunos(as).

Cabe enfatizar que, de fato, a sociedade está vivendo um momento atípico e com muitas incertezas, que respaldam diretamente na educação. A lista fornecida pelos autores desta produção, dividida nas experiências, dificuldades e aprendizagens do ensino remoto emergencial, é apenas uma perspectiva de como um grupo de discentes vem enxergando a realidade educacional a partir de suas próprias vivências, e sugerem-se mais estudos que possam ser desenvolvidos nessa direção, de modo a compreendermos melhor esse período e refletirmos sobre futuras práticas e atuações.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. B. A.; *et. al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília. 2020.

BRANCO, A. B. G.; BRANCO, P. E.; ADRIANO, G.; IWASSE, A. F. L. Recursos tecnológicos e os desafios da educação em tempos de pandemia. Anais do CIET: EnPED:2020 - **(Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, ago. 2020.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD contínua TIC 2019: internet chega a 82,7% dos domicílios do país**. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da educação superior 2019**: divulgação dos resultados. Brasília, DF: INEP/MEC, 2020. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar**: divulgados dados sobre o impacto da pandemia na educação. Brasília, DF: INEP/MEC, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet.** Brasília, DF: Ministério das Comunicações, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Superior à Distância.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

CASTRO, E. A.; QUEIROZ, E. R. Educação a distância e ensino remoto: distinções necessárias. **Rev. Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa.** Brasília-DF, v. 2, n. 3, p. 3 – 17. 2020.

CAVALCANTE, V.; KOMATSU, B. K.; FILHO, N. M. Desigualdades educacionais durante a pandemia. **INSPER, Policy, Paper, n.51,** São Paulo, 2020.

CORDEIRO, K. M. A. O Impacto Da Pandemia na Educação: a Utilização da Tecnologia Como Ferramenta de Ensino. **Repositório IDAAM.** 2020

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 28. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2021.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ,** Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

MARQUES, R. C.; SILVEIRA, A. J. T.; PIMENTA, D. N. A pandemia de Covid-19: intersecções e desafios para a História da Saúde e do Tempo Presente. In: REIS, Tiago Siqueira et al (Orgs.). **Coleção História do Tempo Presente, Volume 3.** 3ed. Roraima: Editora UFRR, v. 3, p. 1-314, 2020.

MOREIRA, A. D. C. O papel docente na seleção das estratégias de ensino. **XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação,** p. 497-508, 2015.

OLIVEIRA, A. V. A.; AZEVEDO, S. M. L. Tecnologia e Ensino Remoto: reinvenção da prática pedagógica em tempos de pandemia. **Revista Imersão,** Capim Grosso-BA, Ano 2, Volume 2, N 2, jan. 2021.

PIFFERO, E. L. F.; COELHO, C. P.; SOARES, R. G.; ROEHRS, R. Um novo contexto, uma nova forma de ensinar: metodologias ativas em aulas remotas. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico,** Manaus, Brasil, v. 6, p. e142020, 2020.



RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. S. **Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente.** *Educação*, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020.

SMOLARECK, R. D.; LUIZ, R. S. Metodologias Ativas, Reflexões Para Reinventar o Ensino de Geografia, em Época De Pandemia. **Repositório eduCAPES.** 2020

VALENTE, J. **Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa.** Agência Brasil, DF. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.